

Cenário internacional deve afetar ritmo de crescimento

Rio - O crescimento da economia brasileira este ano e, principalmente, em 2001, será afetado pelo cenário de volatilidade internacional. Como essa volatilidade não deve passar em curto prazo, dificilmente a redução da taxa de juros básica será possível. Essa é a avaliação de vários economistas, preocupados com o ritmo de evolução do Produto Interno Bruto (PIB).

"O impacto não deverá acontecer tanto agora, mas poderá afetar o crescimento em 2001", diz Fábio Giambiagi, economista do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Como o efeito da queda ou alta da taxa de juros básica da economia demora cerca de seis meses para ser sentido, Giambiagi se preocupa com o desempenho

do PIB do próximo ano. "É bem possível que tenhamos que rever o número de crescimento que poderia chegar a até 4,5% ao ano para cerca de 4% no ano", avalia o economista do BNDES.

O ex-presidente do BNDES, Antonio Barros de Castro, também acredita que poderá faltar algum oxigênio no crescimento do próximo ano. "Poderíamos ter uma decolagem e tanto, mas deveremos ter uma partida mais modesta", prevê Castro. Isso porque alguns dos investimentos que estavam começando a ser fornecidos, agora poderão ser reduzidos. Para este ano, Castro esperava um crescimento forte, que poderia exceder com folga os 4%. "Agora, só é preciso moderar o otimismo e esperar algo mais próximo de 4%", afirma.

Barros de Castro lembra que as

exportações devem continuar bem, a substituição de importações também e só deverá haver uma ligeira queda na massa salarial. Segundo ele, o impacto maior será sobre as vendas de produtos duráveis, como automóveis, que devem cair.

Os economistas avaliam que não será fácil voltar a reduzir os juros ainda este ano. "A instabilidade internacional ainda será muito acentuada nos próximos meses, não é algo que vá terminar no curto prazo", adverte o economista Raul Velloso. O ex-diretor da Dívida Pública do Banco Central, Carlos Thadeu de Freitas Gomes, se preocupa com o impacto dos financiamentos das empresas que estão apostando na recuperação da economia.

"Ficou, sem dúvida, mais arris-

cado, diante de um quadro tão incerto, pegar dinheiro no exterior ou no mercado interno", adverte Freitas Gomes. Com algumas captações internacionais em banho-maria, é possível que até mesmo grandes grupos industriais tenham que rever suas previsões de fortes investimentos.

"O ritmo de crescimento não será acelerado como se imaginava este ano, devendo caminhar para algo em torno de 3% do PIB", calcula Freitas Gomes. Há, no mercado financeiro e até mesmo entre o grupo de aliados do Governo, quem acredite que o Banco Central possa ter errado no *timing* da política monetária: como não reduziu os juros no ano passado, agora não pode mais cogitar um corte na taxa básica, a chamada Selic.